

# BALANÇO 2018

dos jornalistas mortos, presos,  
reféns e desaparecidos  
no mundo

**REPORTERES  
SEM FRONTEIRAS**  
PELA LIBERDADE DA INFORMAÇÃO

<b>1</b>	O BALANÇO EM UM OLHAR	p.3
<b>2</b>	OBSERVAÇÃO METODOLÓGICA	p.4
<b>3</b>	<b>OS JORNALISTAS MORTOS</b>	p.5
	3.1 Em números	p.5
	3.2 Os países mais mortíferos	p.8
	3.3 Quase metade dos jornalistas mortos em países em paz	p.10
	3.4 Assassinatos que tiveram impacto mundial	p.11
	3.5 Cinco repórteres mortos no exterior	p.12
<b>4</b>	<b>OS JORNALISTAS DETIDOS</b>	p.13
	4.1 Em números	p.13
	4.2 As maiores prisões do mundo	p.14
	4.3 Jornalistas oficialmente “libertados” ainda na prisão ou o fim do estado de direito	p.16
	4.4 Punidos por investigar o massacre dos Rohingya, o caso dos jornalistas da Reuters na Birmânia	p.17
<b>5</b>	<b>OS JORNALISTAS REFÉNS</b>	p.18
	5.1 Em números	p.18
	5.2 Os conflitos do Oriente Médio, principais geradores de reféns	p.19
	5.3 Uma moeda de barganha para grupos armados radicais	p.21
	5.4 Jornalistas estrangeiros: os reféns desaparecidos	p.22
<b>6</b>	<b>OS JORNALISTAS DESAPARECIDOS</b>	p.23
<b>7</b>	AS AÇÕES DA RSF	p. 24

### Sobre a RSF

Fundada em 1985, a **Repórteres sem Fronteiras** atua internacionalmente em defesa da liberdade, da independência e do pluralismo do jornalismo. Dotada de um status consultivo junto à ONU e à UNESCO, a organização sediada em Paris conta com 13 escritórios no mundo e uma rede de correspondentes em 130 países. A RSF apoia os jornalistas com campanhas de mobilização, assistência jurídica e material, dispositivos e ferramentas de segurança física (como coletes à prova de balas, capacetes, guias práticos e seguros) e proteção digital (oficinas de formação em segurança digital). A organização é atualmente uma interlocutora incontornável para governos e instituições internacionais e publica anualmente o Ranking Mundial da Liberdade de Imprensa, uma ferramenta de referência.

# O BALANÇO EM UM OLHAR



# OBSERVAÇÃO METODOLÓGICA

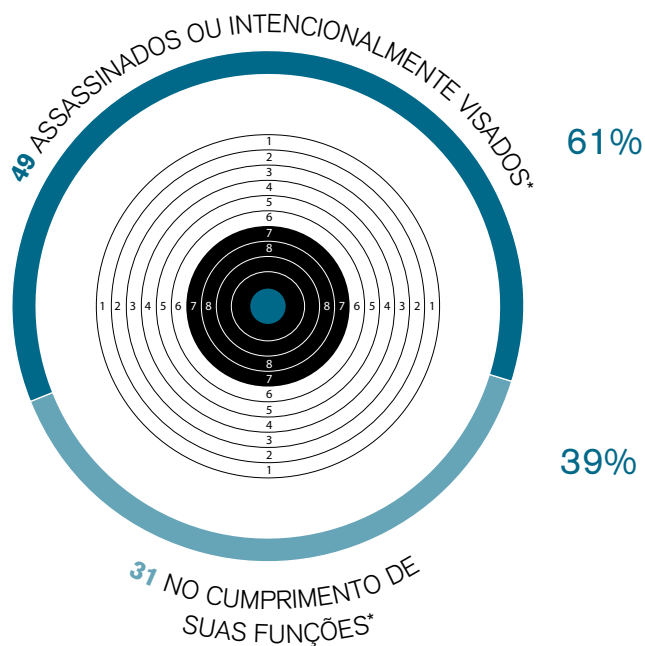
A contagem total do balanço 2018 estabelecido pela Repórteres Sem Fronteiras (RSF) inclui jornalistas profissionais e não profissionais, bem como os colaboradores de meios de comunicação. No detalhamento, o balanço distingue tanto quanto possível estas diferentes categorias para permitir comparações de um ano para o outro.

Estabelecido todos os anos desde 1995 pela RSF, o balanço anual de abusos contra jornalistas baseia-se em dados precisos. A RSF realiza uma coleta minuciosa de informações que permite afirmar com certeza, ou ao menos com uma forte presunção, que a detenção, o sequestro, o desaparecimento ou a morte de um jornalista é uma consequência direta do exercício de sua atividade jornalística. Para a última categoria, a RSF distingue, tanto quanto possível, entre os jornalistas deliberadamente visados e aqueles mortos em reportagens. Os casos em que a organização ainda não conseguiu reunir os elementos necessários para estabelecer rigorosamente o vínculo entre a atividade jornalística e a violência permanecem em investigação e, portanto, não são contabilizados neste balanço.

## 3.1 Em números



## OS JORNALISTAS MORTOS

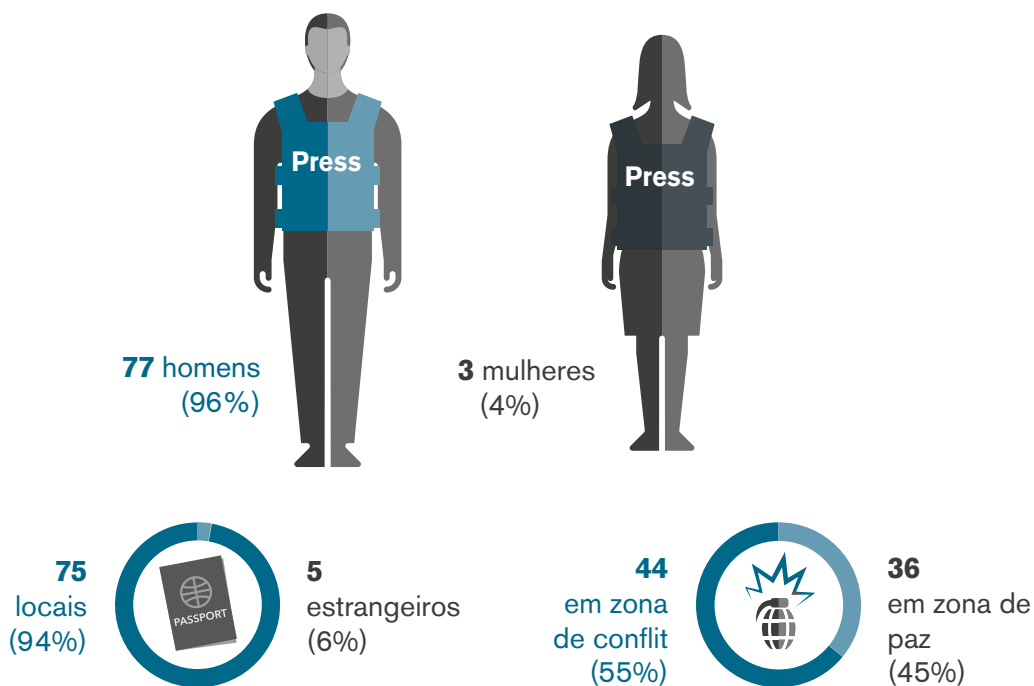


## \* ASSASSINADOS OU INTENCIONALMENTE VISADOS:

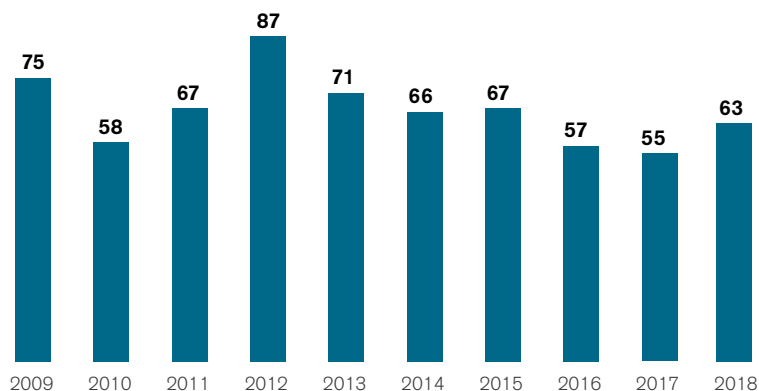
Jornalistas mortos deliberadamente em decorrência da sua atividade jornalística

## \*MORTOS NO CUMPRIMENTO DE SUAS FUNÇÕES:

Jornalistas mortos em campo, durante coberturas, sem terem sido visados como tal



No total, 702 jornalistas profissionais foram mortos em 10 anos



Embora 2017 tenha sido um ano menos mortífero que os anos anteriores para os jornalistas, 2018 inverte esta tendência, com **80 jornalistas** (incluindo profissionais e não-profissionais, bem como colaboradores de meios de comunicação) mortos em todo o mundo. Entre eles, **63 jornalistas profissionais** foram mortos em 2018, **comparado a 55 no ano passado**, ou seja, um **aumento de 15%**. **O número de jornalistas não profissionais também aumentou, 13 mortos, comparado a 7 no ano passado.** Estes últimos desempenham um papel fundamental na produção de informação, especialmente em regimes repressivos ou países em guerra, onde é mais difícil para jornalistas profissionais exercerem sua profissão. A esses números particularmente alarmantes, é necessário adicionar mais de uma dúzia de casos que estão sendo investigados pela Repórteres Sem Fronteiras.

No total **49 jornalistas, ou 61%**, foram assassinados, sendo intencionalmente visados pelo fato de suas investigações perturbarem os interesses de alguma autoridade política, econômica, grupos religiosos ou mafiosos. Os casos dos jornalistas eslovaco e saudita, [Jan Kuciak](#), morto em 21 de fevereiro, e [Jamal Khashoggi](#), assassinado no consulado da Arábia Saudita em Istambul, no dia 2 de outubro, ilustram a determinação daqueles que querem silenciar a qualquer custo os jornalistas que “incomodam”.

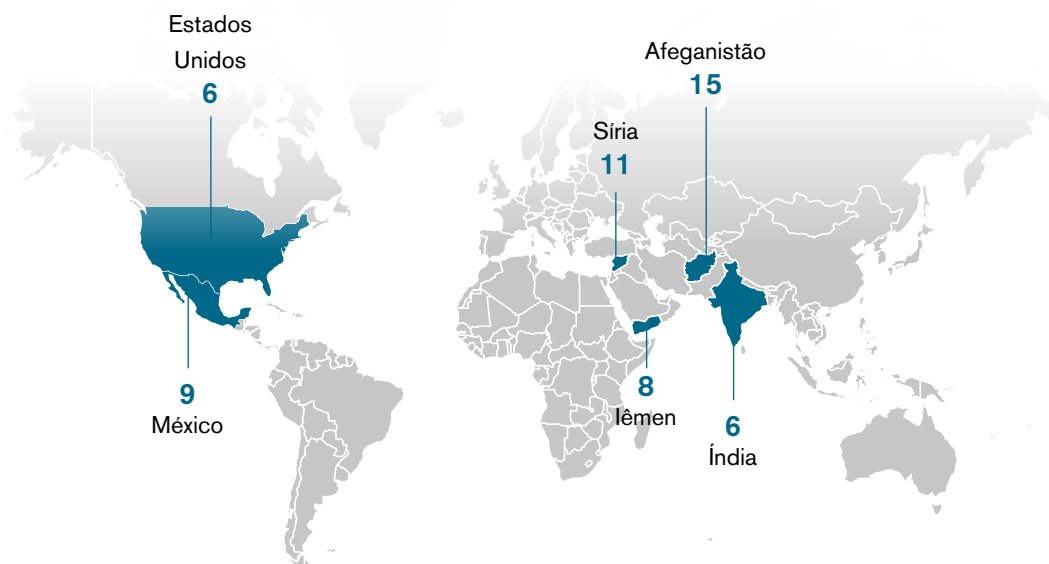


Jan Kuciak  
© DR



Jamal Khashoggi  
© DR

### 3.2 Os países mais mortíferos



#### Afeganistão

O aumento do número de jornalistas mortos este ano pode ser parcialmente explicado pelo número de ataques contra a profissão no **Afeganistão. O país torna-se, em 2018, o mais mortífero, com 15 jornalistas e colaboradores de meios de comunicação** que perderam suas vidas nesses ataques. Em 30 de abril de 2018, um atentado duplo em Cabul matou 9 jornalistas, incluindo o fotógrafo da *AFP* [Sha Marai Fezi](#) e seis outros da *Rádio Free Europe* e da *Tolo News*. O atentado, reivindicado pelo grupo do Estado Islâmico, visava especificamente a mídia e é considerado não apenas o mais mortífero ataque à imprensa desde a queda dos Talibans em 2001, mas também **o caso mais importante contra jornalistas desde o massacre de Maguindanao em 2009 nas Filipinas**, em que pelo menos 32 jornalistas foram mortos. No mesmo dia, algumas horas depois, um décimo jornalista, [Ahmad Shah](#), que trabalhava para a *BBC*, foi morto a tiros por estranhos, em Khost.

#### Síria

Outro campo de guerra, a **Síria**, onde **11 jornalistas**, todos sírios, foram vítimas do conflito durante o ano. Entre eles, dois jornalistas profissionais, oito não profissionais e um colaborador de meio de comunicação, quase todos mortos em bombardeios. Uma tendência de queda que não deve ocultar os riscos crescentes assumidos, principalmente, por esses jornalistas não profissionais sírios, para testemunhar o conflito.



## lêmen

---

No **lêmen, 8 jornalistas foram mortos em 2018, comparado a 2 no ano passado**. O país se afunda no horror da guerra, os combates continuam, apesar dos apelos internacionais pelo fim do conflito. A ONU descreveu recentemente a situação no lêmen como “a pior crise humanitária do mundo”. Quando não morrem sob as bombas, os jornalistas morrem nas prisões, vítimas de maus-tratos. Este é o caso de [Anwar al Rakan](#), mantido em cativeiro pelos Houthis por quase um ano. Libertado quando estava à beira da morte, o jornalista iemenita morreu pouco depois, em 2 de junho. Segundo o testemunho de sua família, o jornalista estava fisicamente exausto pela fome, a tortura e a doença.

## Iraque

---

**Pela primeira vez desde 2003, a Repórteres sem Fronteiras não lista nenhum jornalista morto no Iraque**. Após três anos de combates sangrentos, as forças iraquianas conseguiram recuperar o controle do país, ao custo de uma longa batalha onde derrotou o grupo do Estado Islâmico. A retomada de Mosul e outros pontos estratégicos do país marcou o fim dos combates nos quais muitos jornalistas perderam a vida em anos anteriores.

### 3.3 Quase metade dos jornalistas mortos em países em paz

Dos seis países mais mortíferos do mundo para jornalistas, três - a Índia, o México e, pela primeira vez, os Estados Unidos - são países em paz. E, no entanto, os jornalistas são mortos a sangue frio nesses países. Mais uma vez **O México é o país em situação de paz mais mortífero para a profissão, com nove jornalistas assassinados** este ano.



Rubén Pat  
© Source Facebook



José Guadalupe  
Chan Dzib  
© El Comercio/ Perú



Sandeep Sharma  
© archives Twitter

No México, os predadores da imprensa são numerosos e os jornalistas que cobrem temas relacionados à corrupção de políticos (especialmente políticos locais) ou ao crime organizado, são sistematicamente alvos de intimidação, agressão ou mesmo executados. A impunidade, devido à corrupção generalizada no país, está atingindo níveis recorde e alimentando este círculo vicioso de violência. As medidas de proteção atribuídas a jornalistas ameaçados são muitas vezes insuficientes e ineficazes. O jornalista **Rubén Pat** foi morto a tiros em plena rua no dia 24 de julho, no estado de Quintana Roo. No entanto, ele havia solicitado um dispositivo de segurança urgente, após o assassinato de seu colega, **José Guadalupe Chan Dzib**, um mês antes. Ele contava somente com um 'botão de pânico' e um GPS. Em 21 de setembro, **Mario Leonel Gomez Sanchez** também foi baleado na rua por motociclistas no estado de Chiapas. Na véspera, os membros do Mecanismo de Proteção dos Defensores dos Direitos Humanos e dos Jornalistas haviam anunciado outra redução dos recursos financeiros alocados pelo governo.

Os jornalistas na Índia também estão trabalhando com medo. **Seis deles foram assassinados este ano**, sem mencionar as numerosas tentativas de assassinato, agressões e ameaças das quais são regularmente alvos. As campanhas de ódio e os apelos para que sejam assassinados são inúmeros, alimentadas nas redes sociais por exércitos de trolls, próximos à direita nacionalista hindu. A barbaridade mostrada pelos assassinos desses jornalistas é ilimitada. Em 25 de março, dois jornalistas - **Navin Nischal e Vijay Singh** - foram mortos no estado de Bihar, no leste da Índia, atropelados intencionalmente por um 4x4 dirigido pelo chefe de uma aldeia, em retaliação a artigos escritos pelos dois jornalistas. No mesmo dia, **Sandeep Sharma** foi morto, esmagado por um caminhão que o atropelou no estado central de Madhya Pradesh. O jornalista estava investigando a máfia da areia. Em três anos, pelo menos seis jornalistas foram assassinados por essa máfia que lucra com suas atividades ilegais de mineração.

Este ano, **os Estados Unidos** fazem uma triste entrada entre os países mais mortíferos do mundo com **6 jornalistas mortos**. O país foi atingido por um **troteio mortal contra a redação do "Capital Gazette"**, um veículo de comunicação local em Annapolis, Maryland, em 28 de junho. Cinco funcionários, incluindo quatro jornalistas, foram mortos a tiros. O homem que abriu fogo contra os funcionários do jornal assediava há seis anos a redação do jornal no Twitter. Nunca antes havia-se registrado um ataque dessa magnitude contra um meio de comunicação no país. Dois outros jornalistas que estavam cobrindo os estragos causados pela tempestade Alberto em maio passado morreram em meio ao clima severo durante sua reportagem na Carolina do Norte.

Capital Gazette

### 3.4 Assassinatos que tiveram impacto mundial

#### Jamal Khashoggi (Arábia Saudita)

O assassinato do jornalista e dissidente saudita **Jamal Khashoggi**, no consulado da Arábia Saudita em Istambul, em 2 de outubro, causou protestos internacionais. Dado como desaparecido até que as autoridades sauditas reconhecessem seu assassinato, **Jamal Khashoggi** foi [morto](#) por estrangulamento, sendo depois desmembrado, de acordo com as autoridades turcas. A operação foi supostamente realizada por um comando enviado da Arábia Saudita e que partiu no mesmo dia. Este jornalista, exilado nos Estados Unidos, foi ao consulado para procedimentos administrativos relacionados ao seu futuro casamento. Este assassinato hediondo trouxe à luz a natureza assustadora do regime saudita e da política ultra-repressiva do príncipe herdeiro Mohammed Ben Salmane. Mais de 160 ONGs, incluindo a RSF, pediram ao Secretariado Geral da ONU que inicie uma investigação internacional independente para esclarecer o assassinato.



Yaser Murtaja  
© Middle East Monitor

#### Yaser Murtaja e Ahmed Abu Hussein (Palestina)

No dia 6 de abril, o jornalista palestino [Yasser Murtaja](#) sucumbiu aos seus ferimentos, depois de ter sido baleado pelo exército israelense durante uma das manifestações organizadas como parte da “Marcha do Retorno” até a fronteira com Israel. Yasser Murtaja, 30 anos, estava, contudo, claramente identificado como jornalista. Duas semanas depois, outro jornalista palestino, [Ahmed Abu Hussein](#), de 25 anos, também morreu de ferimentos após ser atingido por uma bala durante uma manifestação nos arredores da Faixa de Gaza e da fronteira israelense. Segundo testemunhas, o jornalista, que estava a 700 metros da fronteira, em uma área calma, desabou após ser alvo de um disparo claramente intencional.



Ahmed Abu Hussein  
© Chronique de Palestine

#### Jan Kuciak (Eslováquia)

Quatro meses após o assassinato da jornalista maltesa **Daphne Caruana Galizia** (16 de outubro de 2017), a Europa foi outra vez atingida duramente com o assassinato do **jornalista investigativo eslovaco Jan Kuciak** e sua companheira, em 21 de fevereiro de 2018. Considerado aos 27 anos como um jornalista experiente, **Jan Kuciak** estava investigando o estabelecimento em seu país da poderosa máfia italiana Ndrangheta e como essa organização criminosa teria conseguido desviar parte das subvenções agrícolas pagas pela União Europeia à Eslováquia. Vários suspeitos foram presos em outubro, incluindo o suposto mandante do crime, uma mulher de 44 anos [chamada Alena Zs](#), próxima do empresário eslovaco de reputação violenta, Marián Kočner. Relações minimamente perturbadoras, quando se sabe que Jan Kuciak investigava vários casos em que esse empresário estava envolvido. A máfia, presente em muitos países europeus, é hoje uma das piores ameaças para os jornalistas investigativos.



Viktoria Marinova  
© YouTube

### Um segundo caso de assassinato este ano na Europa ainda sob investigação

O corpo de [Viktoria Marinova](#), 30 anos, apresentadora em um canal local no norte da Bulgária, foi descoberto no dia 6 de outubro de 2018 em um parque na cidade de Ruse. A jovem foi espancada, estrangulada e estuprada, segundo as autoridades que disseram que todas as pistas estão sendo exploradas, incluindo a profissional. O último programa de Viktoria Marinova apresentou uma reportagem dos jornalistas do site de investigação *Bivol*, dedicado a uma gigantesca suspeita de fraude relacionada a uma apropriação indébita de fundos europeus envolvendo empresários e políticos. Viktoria Marinova teria sido executada como exemplo? Nenhuma hipótese está atualmente excluída.

## 3.5 Cinco repórteres mortos no exterior

**Em 2018, 75 jornalistas foram mortos em seu país de origem. Cinco outros foram assassinados enquanto realizavam reportagens no exterior.**

**Na República Centro-Africana**, as áreas obscuras que cercam o assassinato de três jornalistas russos freelancers em 31 de julho ainda são numerosas. [Orhan Djemal](#), [Kirill Radchenko](#) e [Alexander Rasstorguyev](#) foram mortos por um grupo de homens armados não identificados enquanto investigavam a presença de mercenários pertencentes à Wagner, uma companhia militar privada russa, também conhecida por suas atividades na Síria. Seu contato local (fixer) ainda não foi identificado. Quanto às autoridades russas e centroafricanas que conduzem a investigação, ainda não forneceram nenhuma informação que permita identificar os autores deste triplo assassinato.



Orhan Djemal  
© Caucasian Knot



Kirill Radtchenko  
© AnnaNews



Alexandre Rasstorgouiev  
© The Guardian



Javier Ortega  
© RFI

**Na Colômbia**, dois jornalistas equatorianos [Javier Ortega](#) e [Paul Rivas](#), trabalhando para o diário *El Comercio*, bem como **seu motorista, Efrain Segarra**, foram mortos depois de serem sequestrados, em 26 de março, por um grupo dissidente das FARC. Estavam realizando uma reportagem em Mataje, na província de Esmeraldas, a poucos quilômetros da fronteira colombiana, palco de confrontos regulares entre narcotraficantes e autoridades desde janeiro de 2018. Em 12 de abril, o presidente equatoriano, Lenin Moreno, confirmou a morte dos três homens depois que fotos dos cadáveres da equipe de reportagem circularam nas redes sociais.

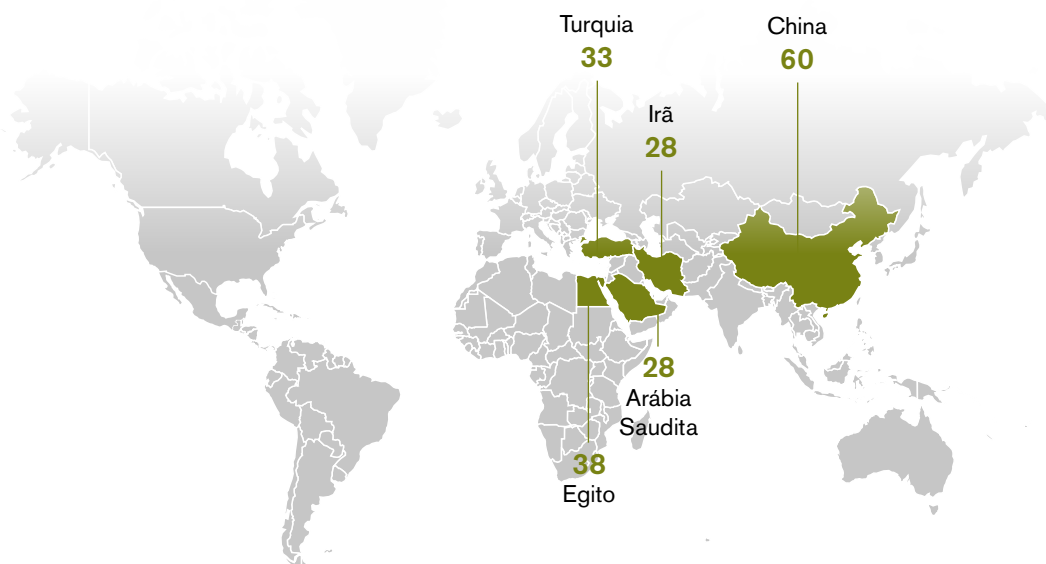
# OS JORNALISTAS DETIDOS

## 4.1 Em números



Este ano, **348 jornalistas estão detidos ao redor do mundo por terem exercido sua missão de informar**. Isso é mais do que em 2017, quando a RSF contabilizou 326 jornalistas atrás das grades, um aumento de quase 7%. Ainda que o número de jornalistas profissionais detidos tenha diminuído em relação ao ano passado: 179, comparado a 202 em 2017, **o número de jornalistas não profissionais presos teve forte aumento: 150, comparado a 107 em 2017, um aumento de 40%**. Depois de ter bloqueado a imprensa tradicional, países como a China, o Egito, o Irã ou mesmo a Arábia Saudita estão aperfeiçoando seu sistema repressivo, particularmente com “leis cibernéticas” para melhor rastrear os autores de informações online.

## 4.2 As maiores prisões do mundo



Como no ano passado, mais da metade dos jornalistas detidos em todo o mundo estão em apenas cinco países.

**A China continua sendo a maior prisão do mundo, com 60 jornalistas presos, três quartos (46) dos quais são não profissionais** que tentam dar suporte a uma imprensa tradicional cada vez mais censurada. Com o endurecimento da regulamentação da internet, esses jornalistas são presos, em condições muitas vezes desumanas, por uma simples postagem ou uma nota informativa em redes sociais ou programa privado de mensagens. Censura, vigilância, prisões arbitrárias e detenções são o que recebem os jornalistas que ousam ultrapassar a linha oficial. Muitos detidos são vítimas de maus-tratos e alguns são torturados. **A RSF identificou pelo menos dez jornalistas não profissionais em perigo de morte nas masmorras chinesas**, entre os quais [Ilham Tohti](#), indicado ao Prêmio Sakharov 2016, condenado a prisão perpétua, e [Huang Qi](#), prêmio RSF 2004, detido sem julgamento há mais de dois anos.

**No Irã** também os jornalistas não profissionais (mais de dois terços dos detidos) pagam o preço do ataque das autoridades iranianas contra as informações independentes. Esses jornalistas, ativos nas redes sociais e hoje no centro da luta por uma informação livre e por mudanças políticas no Irã, são o principal alvo da Guarda Revolucionária. Outro alvo privilegiado para o regime: as minorias religiosas que ousam informar e publicar. Em 19 de fevereiro, [12 jornalistas foram capturados em uma noite](#). Todos pertencem ao mesmo veículo de comunicação, *Majzooban Nor*, a única fonte independente de informação para a comunidade de dervixes Gonabadi no Irã, uma minoria perseguida pelo regime. Alguns deles estão desaparecidos nas prisões iranianas. Nenhuma informação é dada sobre eles.



Jamal Khashoggi foi assassinado porque se tornou uma voz crítica do regime de Riad. **Pelo menos 28 outros jornalistas, redatores e blogueiros estão atualmente presos na Arábia Saudita** pelas mesmas razões: seus artigos ou postagens incomodam a ordem estabelecida. Alguns foram presos há vários anos, sob o reinado do rei Salman da Arábia ou de seu antecessor, o rei Abdullah, como o blogueiro **Raif Badawi**, condenado em 2012 a 10 anos de prisão e 1000 chicotadas por “insultar o Islã”. Outros são vítimas da recente repressão lançada no outono de 2017 pelo príncipe herdeiro Mohammed Ben Salmane, conhecido como “MBS”, como a famosa blogueira, ativista dos direitos das mulheres, **Eman al Nafjan**. A maioria dos jornalistas presos está em prisão preventiva e ainda aguardam julgamento. Mas quando a sentença é proferida, pode ser terrível: o intelectual religioso e blogueiro **Salman al Awdah** foi condenado à morte em setembro de 2018. Outro jornalista, o poeta **Fayez Ben Damakh**, simplesmente desapareceu. Seu rastro foi perdido em setembro de 2017, quando estava prestes a lançar um canal de notícias no Kuwait. A imprensa local afirma que ele foi extraditado para a Arábia Saudita e preso ...



No Egito, a caça aos jornalistas, especialmente profissionais, continua. Os casos de prisões e detenções arbitrárias são numerosos, e o número de jornalistas que aguardam julgamento na prisão continua a aumentar. Entre os 38 jornalistas atualmente detidos, 30 ainda aguardam julgamento. Alguns, como **Hisham Gaafar**, são mantidos em prisão preventiva há mais de 3 anos, sem acusações oficiais. **Mahmoud Hussein Gomaa**, jornalista da Al-Jazeera, também está há dois anos esperando por seu julgamento. Outros estão em situação semelhante a do fotojornalista **Shawkan**, que deveria ter sido libertado em setembro, mas continua preso. Também é absurdo o destino de **Ismail Alexandrani**, que ainda não sabe se foi condenado ou não a 10 anos de prisão pela justiça militar totalmente opaca.



Entregue à arbitrariedade, a **Turquia** continua sendo a maior prisão do mundo para profissionais dos meios de comunicação. A diminuição do número de detidos em comparação com o ano passado é enganosa: assim como **Şahin Alp**, **Ahmet Şik**, **Murat Sabuncu** ou ainda **Çağdaş Erdoğan** inúmeros jornalistas estão em liberdade condicional, aguardando julgamento ou recurso. Alguns podem voltar para a prisão muito em breve. Depois de longos períodos de prisão preventiva, 2018 será o ano dos veredictos: mais de 80 jornalistas foram condenados a penas de prisão ou multas por motivos tão diversos como “propaganda terrorista”, “denegrir a identidade turca”, ou “insultar o chefe de estado”. Esses veredictos, às vezes, chegam ao cúmulo da desumanidade: **Ahmet Altan**, **Mehmet Altan** e **Nazlı Ilıcak**, 68, 65 e 74 anos, respectivamente, foram condenados em fevereiro à prisão perpétua em condições de isolamento reforçado, sem a possibilidade de permissão ou anistia. A sucessão de julgamentos kafkianos, onde jornalistas são acusados de “terrorismo” por uma palavra ou um contato, contribui para amarrar a camisa de força sobre a sociedade turca.

**O balanço da RSF** se baseia em uma metodologia rigorosa que visa estabelecer, caso a caso, a ligação entre a detenção e o exercício do jornalismo. Entre os cerca de cem jornalistas detidos na Turquia, a RSF atualmente pode afirmar que pelo menos 33 estão presos por razões profissionais. Muitos outros casos estão atualmente sendo investigados.

### 4.3 Jornalistas oficialmente “libertados” ainda na prisão ou o fim do estado de direito

**Este ano, vários jornalistas foram mantidos em detenção mesmo depois de a justiça decidir por sua libertação. Alguns saíram depois de meses de obstáculos, outros continuam atrás das grades. Em todos os casos, as autoridades usam pretextos falaciosos para atrasar ou impedir a libertação desses prisioneiros, mesmo que isso signifique questionar as decisões da justiça de seu próprio país.**



Mahmoud Abu Zeid  
© The Independent

#### Shawkan (Egito)

No dia 8 de setembro, a justiça egípcia condenou **Mahmoud Abu Zeid**, mais conhecido como **Shawkan**, a 5 anos de prisão. Detido há mais de cinco anos, o jovem fotojornalista deveria ter sido libertado depois de longos anos de calvário em detenção. No entanto, três meses depois, Shawkan ainda está atrás das grades, sob pretexto de que não teria pago a multa. Por seu lado, as autoridades egípcias afirmam que não podem definir o valor da multa devido a congestionamentos administrativos. Uma situação kafkiana que se destina apenas a manter a pressão sobre este jornalista, ganhador do Prêmio da UNESCO para a Liberdade de Imprensa e símbolo da repressão arbitrária das autoridades egípcias. De acordo com o advogado de Shawkan, o ministério público até decidiu aplicar uma extensão de sua detenção por mais 6 meses, o que não permitiria que ele deixasse a prisão antes de meados de fevereiro de 2019. O jornalista foi preso em 14 de agosto de 2013, quando se preparava para cobrir a sangrenta dispersão de um sit-in em apoio à enfraquecida Irmandade Muçulmana no Cairo.



Mohamed Cheikh  
Ould Mohamed  
© Human Rights Watch

#### Mohamed Cheikh Ould Mohamed (Mauritânia)

Ainda que devesse ser libertado há mais de um ano, o blogueiro mauritano **Mohamed Cheikh Ould Mohamed**, condenado à morte por apostasia em 2014, pena comutada para dois anos de prisão em 9 de novembro de 2017, ainda está detido em um local secreto. Para justificar sua detenção, as autoridades inicialmente alegaram temer por sua segurança depois que manifestações hostis ao blogueiro ocorreram nas ruas de Nouakchott. Desde 16 de novembro, uma nova lei foi aprovada, punindo a difamação



## OS JORNALISTAS DETIDOS

religiosa com a morte, sem possibilidade de arrependimento. Esta lei, em teoria não retroativa, poderia servir como um meio para justificar a continuação da detenção de Mohamed Cheikh Ould Mohamed.



Mehmet Altan  
© DW

### Mehmet Altan e Şahin Alpay (Turquia)

A libertação dos jornalistas turcos [Mehmet Altan e Şahin Alpay](#) foi semeada de dificuldades, ilustrando o fim do estado de direito no país. Em 11 de janeiro, a Corte Constitucional elevou as esperanças declarando a prisão provisória dos dois jornalistas como “inconstitucional” e ordenando a sua libertação imediata. Mas os tribunais de Istambul desafiaram a suprema corte e se recusaram a libertá-los. Dois meses depois, apesar da condenação da Turquia pela Corte Europeia de Direitos Humanos, a justiça turca continuou surda aos apelos. Şahin Alpay foi libertado da prisão em março apenas para ser colocado em prisão domiciliar. Somente em maio ele foi libertado sob supervisão judicial, assim como Mehmet Altan em junho. Mas ambos, condenados, podem voltar para a prisão se a sentença for confirmada na corte suprema.



Şahin Alpay  
© Milliyet

---

### 4.4 Punidos por investigar o massacre dos Rohingya, o caso dos jornalistas da Reuters na Birmânia



Kyaw Soe Oo  
© Committee to Protect Journalists

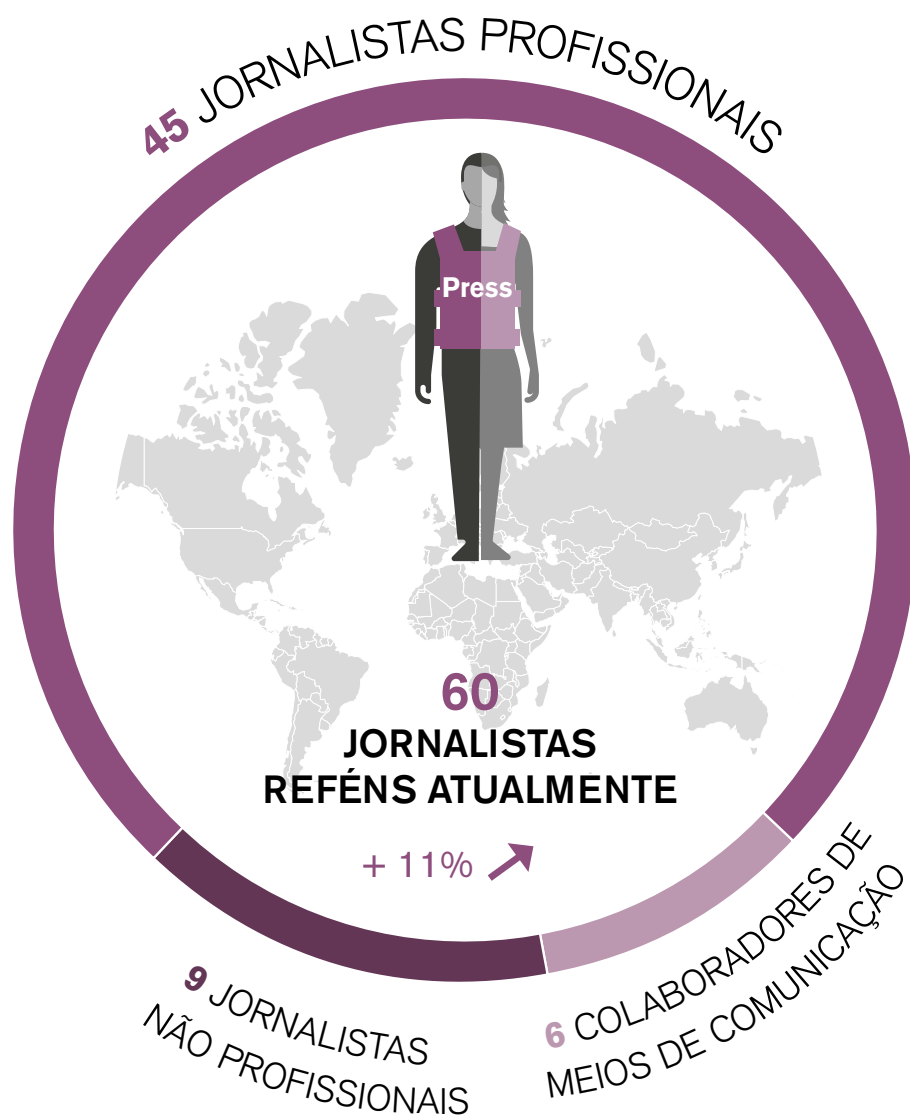
Presos em 12 de dezembro de 2017, os dois jornalistas birmaneses da agência *Reuters* **Kyaw Soe Oo** e **Wa Lone**, foram [condenados em 3 de setembro a sete anos de prisão](#) por um tribunal de Rangoon, apesar de uma mobilização internacional muito forte. O crime deles? “Violação de segredos de estado”, de acordo com o veredicto. Eles tinham na verdade, investigado um massacre de civis da etnia rohingya em setembro de 2017 por soldados birmaneses, na aldeia de Inn Dinn, norte do Estado de Arakan. O massacre investigado pelos dois repórteres da Reuters foi reconhecido pelo exército e sete militares foram condenados a dez anos de prisão. Durante as audiências preliminares, um policial confessou que seus superiores haviam orquestrado um esquema para entregar documentos supostamente confidenciais aos dois jornalistas e então prendê-los no processo. Somente nesta evidência, totalmente fabricada, é que se baseia o veredito deste julgamento. Ambos os jornalistas recorreram.



Wa Lone  
© New Indian Express

# OS JORNALISTAS REFÉNS

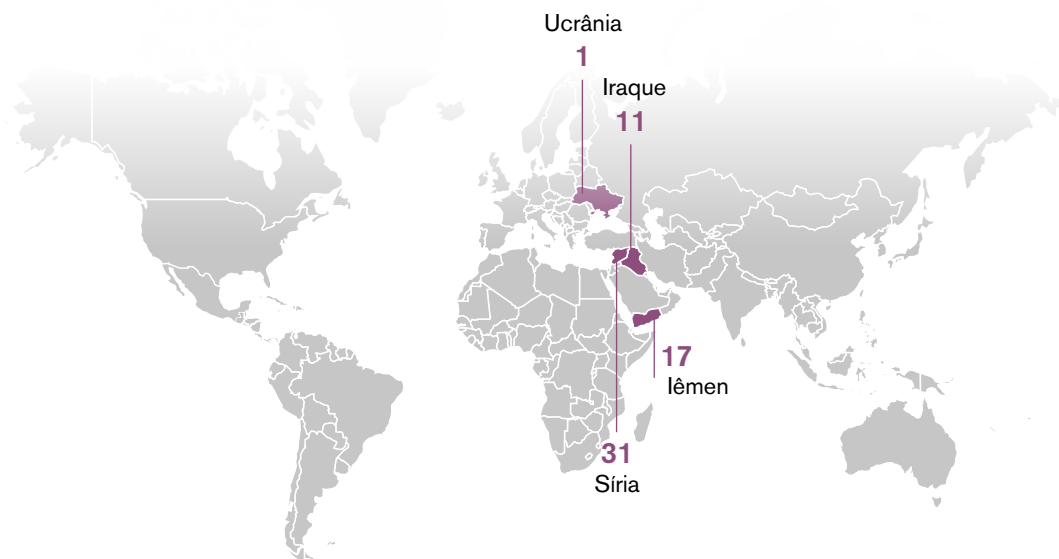
## 5.1 Em números



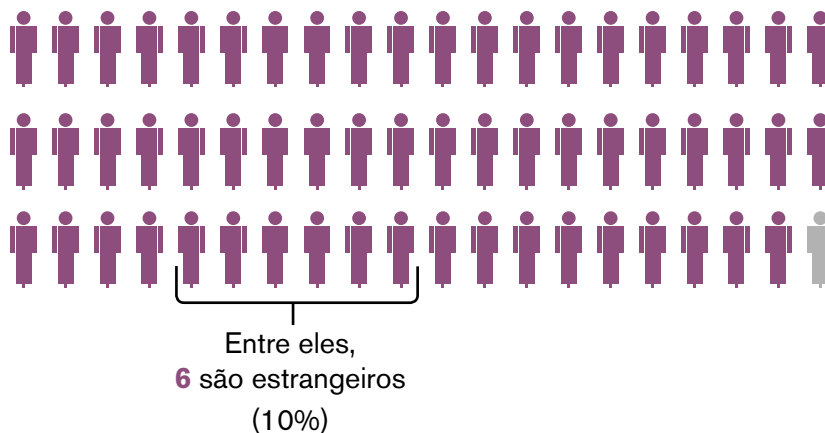
**Pelo menos 60 jornalistas estão atualmente reféns ao redor do mundo**, comparado a 54 no ano passado, um aumento de 11%. Além de seis jornalistas estrangeiros sequestrados na Síria, todos os outros reféns são locais, que geralmente trabalham por conta própria em condições precárias e extremamente arriscadas. Esses jornalistas locais são frequentemente as últimas testemunhas de conflitos mortais, que se tornaram quase inacessíveis para a mídia estrangeira.

**Jornalista refém:** A RSF considera que um jornalista é um refém a partir do momento em que ele ou ela está nas mãos de um ator não-estatal que ameaça matar, ferir ou continuar a detê-lo a fim de pressionar um terceiro (um Estado, organização ou grupo de pessoas) para obrigá-lo a realizar um determinado ato. A tomada de reféns pode ter motivação política e/ou econômica, quando envolve o pagamento de um resgate.

## 5.2 Os conflitos do Oriente Médio, principais geradores de reféns



**59** dos 60 jornalistas são mantidos como refêns no Oriente Médio.



A tomada de jornalistas como refêns continua sendo uma característica constante dos conflitos no Oriente Médio. Dos 60 casos de jornalistas ou colaboradores de meios de comunicação sequestrados, 59 ocorreram em apenas três países da região: Síria, Iraque e Iêmen. Para os grupos armados que operam nessas zonas de conflito, **sequestros de jornalistas são tanto uma fonte de financiamento, graças ao resgate, quanto uma maneira de disseminar o terror** e obter total fidelidade dos possíveis observadores.

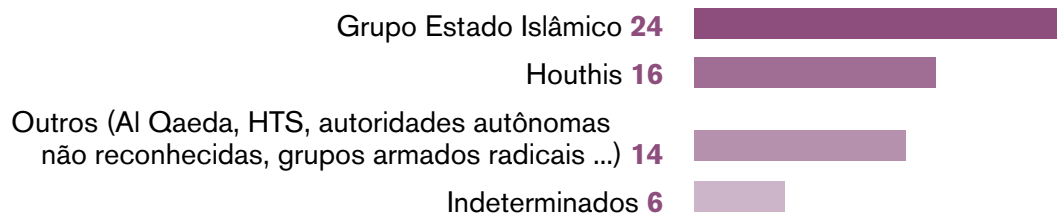
Na Síria, graças a uma anistia, o grupo jihadista Haya Tahrir al-Sham (HTS) libertou em junho de 2018 um dos jornalistas locais que manteve como refém por seis meses, mas, com sete novos sequestros registrados em todo o país, o número total de refêns na Síria subiu para 31, o que ajuda a tornar este país a pior fábrica de refêns para jornalistas.

Nenhuma libertação, no entanto, foi registrada no Iraque: 11 jornalistas ainda estão detidos, ainda que o fim da guerra contra o Estado Islâmico tenha sido oficialmente proclamado no final de 2017, após três anos de combates. A ausência de notícias sobre seu destino faz com que se tema o pior.

Quanto ao Iêmen, que se afunda desde 2015 em uma guerra civil alimentada por rivalidades regionais, a prática do sequestro, comumente usada no país, vitimou novos jornalistas este ano: 17 deles estão atualmente detidos ilegalmente, em comparação com 12 em 2017.

### 5.3 Uma moeda de barganha para grupos armados radicais

#### Os principais sequestradores



**O grupo Estado Islâmico continua sendo o principal sequestrador de jornalistas do Oriente Médio, seguido por Houthis no Iêmen,** que mantêm sozinhos 16 jornalistas. Dois deles foram sequestrados em outubro de 2018 em Hodeida, cidade portuária estratégica onde combates ferozes vêm acontecendo desde o meio do ano. Os 14 restantes são mantidos em Sanaa, a capital do Iêmen que caiu sob o controle da milícia Houthis há quatro anos. É nesta cidade que 10 jornalistas são privados de liberdade desde 2015, que outros três foram sequestrados este ano e que outro está detido há um ano, depois de ser trocado por seu pai, **Yahya al Jubeihy**. Este conhecido jornalista iemenita foi sequestrado em abril de 2016 pelos Houthis após recusar-se a jurar lealdade a eles e escrever artigos de propaganda. Depois de ser condenado à morte em abril de 2017 por conluio com a Arábia Saudita, considerado um estado inimigo, seu filho, **Hamza al Jubeihy**, também um colaborador ocasional do site *Tagheer.net*, foi preso para permitir a sua libertação.

Ainda no Iêmen, a Al Qaeda também mantém um refém na província de Hadramout. O correspondente da rede *Al Yemen al Youm*, **Mohammed Al Moqri**, cobria as manifestações anti-Al Qaeda na cidade de Al Mukalla quando foi sequestrado. Desde que o grupo islâmico perdeu o controle da região, ninguém mais ouviu falar dele ou sabe onde ele pode estar detido.

**Os grupos armados islâmicos radicais mostram-se temíveis sequestradores de jornalistas também na Síria.** Além do Daesh, que sequestrou um total de 24 jornalistas na Síria e no Iraque, o grupo jihadista Haya Tahrir al-Sham (HTS), nascido em 2017 da fusão de seis grupos rebeldes islâmicos sírios, detém dois jornalistas na região de Idlib, noroeste do país. Quatro colaboradores de meios de comunicação estão nas mãos de uma brigada do Exército Livre da Síria (ELS) apoiado pela Turquia, e acredita-se que estejam detidos na região da fronteira turco-síria. Dois jornalistas também estão detidos por rebeldes curdos na região de Hassaké, no nordeste da Síria, sendo que um já completou quatro anos de cativeiro.

Longe da divisão do Oriente Médio, no continente europeu, **na Ucrânia, são as forças separatistas apoiadas pela Rússia que detêm as vozes que incomodam as autoproclamadas “repúblicas” de Donbass, que se tornaram desertos de notícia.** Desde 2 de junho de 2017, o jornalista ucraniano Stanislav Asseiev, que trabalhou para o serviço local de *Rádio Livre Europa / Radio Liberty (RFE / RL)* e vários jornais ucranianos, está nas mãos das autoproclamadas autoridades da “República Popular de Donetsk” (DNR), que o acusam de ser um espião. Somente depois de mais de um ano de detenção ele apareceu pela primeira vez no canal estatal russo Rossiya 24. Sua “confissão” de espionagem transmitida em agosto de 2018 faz com que se tema por sua integridade física e psicológica.

#### 5.4 Jornalistas estrangeiros: os refêns desaparecidos

Em outubro de 2018, o jornalista japonês independente **Jumpei Yasuda** foi libertado após mais de três anos de cativeiro na Síria. Desde abril de 2014, marcado pela libertação de quatro jornalistas franceses, nenhum outro repórter estrangeiro foi libertado do inferno sírio. A última libertação muda para seis o número de jornalistas estrangeiros ainda retidos na Síria.



Austin Tice  
© Tice family

Mais recentemente, o governo dos EUA estimou que o colaborador do *Washington Post* e da *Al Jazeera English*, **Austin Tice**, sequestrado em 2012, que não está mais nas mãos de um grupo islâmico armado, ainda estaria vivo e que tudo estaria sendo feito para garantir seu rápido retorno aos Estados Unidos. Por sua parte, a Fundação Sul-Africana Gift of the Givers explicou em agosto passado que não havia sido capaz de pagar o resgate exorbitante exigido pelos sequestradores do fotógrafo **Shiraz Mohamed**, que trabalhava para ela e que foi raptado perto da fronteira turca no início de 2017. No entanto, a organização permanecia esperançosa de um libertação futura.

Com exceção desses dois casos, não há notícias, nem nenhuma prova de vida recente dos outros jornalistas sequestrados. A falta de informação é ainda mais preocupante, pois a situação na Síria mudou consideravelmente no último ano.



John Cantlie  
© Minute News

**Bashar al-Kadumi**, jornalista palestino-jordaniano da rede *Al-Hurra*, desapareceu em agosto de 2012 na região de Aleppo, que agora é controlada por forças leais ao presidente Bashar Al Assad. Quanto ao jornalista mauritano **Ishak Moctar** e o cinegrafista libanês **Samir Kassab**, que trabalhavam para a rede *Sky News Arabia*, sequestrados em outubro de 2013, foram vistos vivos seis meses mais tarde na província de Raqqa. O repórter britânico **John Cantlie**, sequestrado em novembro de 2012 e depois instrumentalizado por seus captores para servir como propagandista, apareceu pela última vez em um vídeo gravado em Mosul em dezembro de 2016. Desde então, nada mais, exceto que essas duas cidades que eram respectivamente refúgios do grupo Estado Islâmico na Síria e no Iraque agora são pilhas de ruínas, após combates e bombardeios de rara intensidade. O tempo do califado que se estendeu pela Síria e pelo Iraque acabou, mas seus últimos refêns ainda não reapareceram. Seu destino hoje é mais incerto.

# OS JORNALISTAS DESAPARECIDOS

## Três jornalistas foram dados como desaparecidos em 2018

Embora os dois jornalistas que desapareceram no ano passado no Paquistão e em Bangladesh não estejam mais desaparecidos, a RSF registrou três novos casos de desaparecimento em 2018, sendo dois na América Latina e um na Rússia.

**A RSF** considera que um jornalista é dado como desaparecido quando não há elementos suficientes para determinar que ele foi vítima de um homicídio ou de um sequestro e quando nenhuma reivindicação confiável foi divulgada.



Agustín Silva Vázquez  
© fge.oaxaca.gob.mx

### **Agustín Silva Vázquez, desaparecido desde 21 de janeiro de 2018 no México.**

O jornalista mexicano **Agustín Silva Vázquez**, 22 anos, que trabalhava para a seção policial do diário *El Sol del Istmo* no estado de Oaxaca, no sul do país, foi visto pela última vez em 21 de janeiro de 2018, no município de Matias Romero. Poucos dias antes de desaparecer, ele cobria uma operação militar que levou à apreensão de armas e à prisão de três pessoas na região. Segundo o pai do jornalista, um indivíduo, fazendo-se passar pelo advogado dos homens presos, pediu a Agustín para testemunhar em favor deles. Ele se recusou a colaborar.



Vladjimir Legagneur  
© Press Lakay

### **Vladimir Legagneur, desaparecido desde 14 de março de 2018 no Haiti.**

Em 14 de março de 2018, o fotógrafo independente haitiano **Vladjimir Legagneur**, 30 anos, saiu de casa para fazer uma fotorreportagem em Grand-Ravine, no bairro de Martissant, uma das áreas mais pobres e violentas da capital Porto Príncipe. Ele nunca voltou. Alguns dias após seu desaparecimento, a polícia anunciou que haviam encontrado ossos humanos em um terreno baldio perto da área onde o fotógrafo havia sido visto pela última vez. Apesar da insistência de sua família e das associações de jornalistas locais, os resultados dos testes de DNA realizados pela polícia na ossada nunca foram divulgados. Desde então, nem a polícia, nem a justiça haitiana anunciaram avanços na investigação.



Leonid Makhinia  
© DR

### **Leonid Makhinia, desaparecido desde 7 de junho de 2018 na Rússia.**

O redator-chefe do site de notícias local *Volgogradsky reporter*, **Leonid Makhinia**, 35 anos, desapareceu em 7 de junho de 2018 em Volgogrado, sudoeste da Rússia. Ele não deu nenhum sinal de vida desde uma conversa telefônica com sua esposa, que não notou nada anormal, naquela manhã. *O Volgogradsky report* é um veículo de comunicação independente que publica regularmente artigos críticos com relação às autoridades locais. A busca pelo jornalista permaneceu sem sucesso, levando o Comitê de Investigação Local a abrir uma investigação por “homicídio” em julho de 2018, que até agora não deu resultado algum.

# AS AÇÕES DA RSF

- > Desde a adoção da Resolução 2222 do Conselho de Segurança da ONU, em maio de 2015, a RSF coordena a campanha **#ProtectJournalists** para a nomeação de um Representante Especial do Secretário-Geral da ONU para a Proteção de Jornalistas, apoiada por um número crescente de países, 130 meios de comunicação, organizações e sindicatos em todo o mundo. Este movimento já permitiu que o Secretário-Geral da ONU, Antonio Guterres, nomeasse 14 pontos focais encarregados da segurança de jornalistas em agências e instituições da ONU.



- > A RSF também oferece suporte a jornalistas, veículos de comunicação e organizações locais por meio de suas atividades de proteção, assistência jurídica e capacitação.
- > Ela informa diariamente sobre os abusos sofridos pelos jornalistas e os denuncia publicamente.



- > Em um contexto cada vez mais difícil para os jornalistas e o jornalismo, a RSF desenvolve propostas para mudar o jogo. A mais recente: a iniciativa por um Pacto sobre a informação e a Democracia que propõe, em particular, o estabelecimento de um direito a informação fiável, a qualificação do espaço global da informação e da comunicação como bem comum da humanidade, a instauração de obrigações para as plataformas e a criação de um grupo internacional de especialistas em informação e democracia, como o IPCC sobre o clima.